

# VEREDAS

**Revista da Associação Internacional de Lusitanistas**

**VOLUME 4**



**FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA**

**PORTO, 2001**



# Veredas

Revista de publicação anual

Volume 4 – Dezembro de 2001

**Director:**

Carlos Reis

**Director Executivo:**

Sebastião T. Pinho

**Conselho Redactorial:**

Aníbal Pinto de Castro, Axel Schönberger, Claudio Guillén, Cleonice Berardinelli, Fernando Gil, Francisco Bethencourt, J. Romero de Magalhães, Jorge Couto, Maria Alzira Seixo, Marie-Hélène Piwnick, Ria Lemaire. *Por inerência:* Amet Kébé, Ana Mafalda Leite, Ana Paula Ferreira, Benjamin Abdala Jr., Carlos Reis, Christopher Lund, Cristina Robalo Cordeiro, Ettore Finazzi-Agrò, Helder Macedo, Henry Thorau, Isabel Pires de Lima, Laura Padilha, M. Carmen Villarino, Maria Manuel Lisboa, Onésimo T. Almeida, Regina Zilberman, Sebastião T. Pinho, Solange Parvaux.

**Redacção:**

VEREDAS – Revista da Associação Internacional de Lusitanistas  
Faculdade de Letras  
P-3000-447 Coimbra Codex  
Fax 351-239.410088; E-mail: stpinho@ci.uc.pt

**Edição, administração, distribuição e assinaturas:**

Fundação Eng. António de Almeida  
Rua Tenente Valadim, 231/325  
P-4100-479 Porto  
Tel. 351-22.6067418; Fax 351-22.6004314; E-mail: fundacao@feaa.pt

---

*Paginação:* José Soares Pinto – Porto

*Impressão e acabamento:* SerSilito - Empresa Gráfica, Lda./Maia

*Autoria da capa:* Atelier Henrique Cayatte – Lisboa

Depósito Legal N.º 137737/99

ISSN 0874-5102

Revista integralmente patrocinada pela



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

---

AS ACTIVIDADES DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS  
TÊM O APOIO REGULAR DO INSTITUTO CAMÕES



## ÍNDICE

ALICE MARIA TEIXEIRA DE SABÓIA, ET ALII – Ortografia portuguesa, estrangeirismos e globalização .....	7
ÂNGELA MARIA DIAS – Topografias poéticas da pós-modernidade no Brasil .....	21
BARBARA HLIBOWICKA-WĘGLARZ – Algumas observações sobre o emprego do Futuro do Indicativo em polaco e em português .....	45
CARLOS VELOSO – Impressões sobre (e a partir de) Eduardo Lourenço..	71
FLAVIA MARIA CORRADIN – No cair do pano camiliano, ficam-lhe as máscaras.....	81
FRANCISCO MACIEL SILVEIRA – O conto machadiano ou “a realidade é boa, o Realismo é que não presta.” .....	95
HENRY THORAU – Da Arcádia às Masmorras – o Teatro de Arena conta Tiradentes .....	105
IDELETTE MUZART FONSECA DOS SANTOS – <i>La Pierre du Royaume, version pour Européens et Brésiliens de bon sens</i> : a dupla tradução do romance de Ariano Suassuna.....	117
INOCÊNCIA MATA – Pepetela e as (novas) margens da “nação” angolana.	133
IZABEL MARGATO – Lisboa em outro tempo de escrita .....	147

JORGE FERNANDES DA SILVEIRA – “Neste momento a minha mão não tem autor”. Introdução ao primeiro volume de uma imaginária antologia brasileira da poesia portuguesa no século XX: 1920-1970.	157
JUAN M. CARRASCO GONZÁLEZ – <i>A Oração da Emparedada</i> da Biblioteca de Barcarrota.....	173
LAURA CAVALCANTE PADILHA – Nas dobras dos panos – feminino e textualidade em duas narrativas fundacionais angolanas.....	183
M. CARMEN VILLARINO PARDO – 40 anos de uma estreia: a entrada de Nélida Piñon no campo literário brasileiro com <i>Guia-Mapa de Gabriel Arcanjo</i> (1961).....	195
MAGDELAINE RIBEIRO – A produção do signo na escritura de João Cabral de Melo Neto.....	233
MALCOLM K. MCNEE – Alegorizando as Periferias: Pontos de Articulação entre a Crítica Cultural de Frederic Jameson e Roberto Schwarz.....	245
MARIA ISABEL VALE FERREIRA – CD ROM em PLE.....	265
MARIA OTÍLIA PEREIRA LAGE – Nas memórias do Volfrâmio – um sociolecto luso-galaico.....	275
MARINA KOSSÁRIK – Questões de fala nas obras linguísticas portuguesas dos séculos XVI e XVII.....	295
MAURIZIO PERUGI – “Um branco som de espuma”: Pré-história de duas Odes de Ricardo Reis (Livro primeiro, III e VI).....	321
ROLF NAGEL – Anúncios, língua e vergonha. Observações sobre o periodismo em Portugal e no Brasil.....	345
ROSELI SANTAELLA STELLA – Documentos para a história de Portugal encontrados no Brasil e na Espanha (séc. XV-XVI).....	349

## O conto machadiano ou “a realidade é boa, o Realismo é que não presta.”

**FRANCISCO MACIEL SILVEIRA**

*Brasil, Universidade de São Paulo*

Nelson Rodrigues observava, com a obsessão que lhe era peculiar, que não há uma única, uma mísera escarradeira na ficção de Machado de Assis. Curiosa ausência. Sobretudo se considerarmos que Joaquim Maria Machado de Assis, filho de um mulato e de uma lava-deira portuguesa, nasceu (Rio de Janeiro, 21 de junho de 1839) e estreou literariamente à época das hemoptises românticas, além de iniciar sua maturidade artística na década de oitenta, ou seja, à sombra dos escarros humanos da psicopatologia do Realismo e do Naturalismo.

Corrijo. Mais que curiosa, sintomática ausência. A revelar-nos que respirou os doentios ares oitocentistas sem contaminar-se. In petto, não foi romântico, tampouco realista. Pelo menos não o foi à moda espartilhante de ambas as estéticas.

Corriqueira nos círculos acadêmicos, a frase “Machado foi ... Machado” procura corrigir o arranjo didático dos compêndios que, dedicados à Literatura Brasileira, catalogam sua obra de contista – a exemplo da de romancista – em duas fases. Uma, dita romântica, exemplificada em *Contos fluminenses* (1870) e *Histórias da meia-noite* (1873); outra realista, inaugurada com *Papéis avulsos* (1882), passando por *Histórias sem data* (1884), *Várias histórias* (1896) e *Páginas*

*recolhidas* (1899) – culminância da carreira de um contista cujo ocaso estaria nas *Relíquias de casa velha* (1906), título a sugerir a recolha, no fim da vida, de material esquecido nos porões da memória: uma atmosfera envelhecidamente romanesca, como a que se flagra nos contos “Uma noite” e sobretudo em “Maria Cora”.

De fato, afirmar que o conto – ou o romance – machadiano conheceu uma fase romântica e outra realista é simplificar demais o problema.

Verdade que *Contos fluminenses*, a girar em torno de amores realizados ou contrariados, se amolda ao gosto romântico das donzelas casadoiras. Contudo, nesse mesmo volume já se lobriga, aqui e ali, a mais tarde decantada ironia machadiana, conjugada à aguda consciência crítica de quem está explorando clichês ultra-românticos já dessorados.

*Histórias da meia-noite*, não obstante inserido pelos manuais literários na primeira fase, representa um passo a mais na deserção do arraial romântico. O lúgubre e misterioso do título não corresponde ao conteúdo das seis narrativas ali incluídas. Luminosa, radiante, a ironia já entrevista em *Contos fluminenses* torna-se mais cortante, assim como a paródia aos recursos e retórica românticos. O humor, antídoto da sentimentalidade, ora preside às narrativas ora vai permeá-las. O coração, órgão-rei dos românticos, vai sendo gradativamente suplantado pela cabeça e pelo bom senso estomacal, conforme o mostra o conto “Aurora sem dia”, versão machadiana de um amor de salvação à *Coração.Cabeça.Estômago*, de Camilo Castelo Branco.

Registre-se, de passagem e entre parêntesis, quão camiliano soube ser Machado nos contos “Frei Simão”, “Uma noite”, “Maria Cora” – regurgitar da fonte em que à época bebeu?

No período que vai de *Papéis avulsos* (1882) a *Páginas recolhidas* (1899), Machado há de compor seus melhores contos, trilhando a senda de um realismo que passa ao largo da ortodoxia cientificista dessa escola literária. Note-se, a propósito, em “Verba testamentária” e “Conto alexandrino”, a ironia que vergasta o cientismo, além de sublinhar a tirania com que a Ciência presunçosamente crê explicar a vida e o homem.

Dito isso, começamos a adentrar as peculiaridades do realismo machadiano. Considere-se que Machado é dado como introdutor do Realismo no Brasil, em 1881, com um livro (*Memórias póstumas de*



*Brás Cubas*) que, narrado em primeira pessoa – e mais: obra de um “defunto autor”... –, vinha, pelo menos à primeira vista, infringir dois postulados realistas: a impessoalidade narrativa e o verismo. Com um narrador defunto, o *Brás Cubas*, Machado sorria-se, galhofeiramente, inclusive do cientismo naturalista, introduzido nas letras brasílicas, naquele mesmo ano de 1881, por *O mulato*, de Aluísio de Azevedo.

Machado de Assis nunca aceitou fosse a Ciência capaz de decifrar o mistério do homem e da vida, seja na forma do Positivismo (Realismo), seja sob o império da Psicofisiologia (Naturalismo). Com o cepticismo que as mais das vezes faltou a realistas e naturalistas, comungava, com Hamlet, a crença de que há mais coisas no céu e na terra do que sonha nossa vã ... Ciência. Com tal convicção Machado não poderia ser adepto do ‘cepticismo metafísico’, essência do Positivismo comteano e base do Realismo, a impor que devemos limitar-nos ao ‘positivamente’ dado, aos fatos imediatos da experiência e dos sentidos, fugindo a toda especulação metafísica. Se algum cepticismo havia em suas rabugens pessimistas, era o ‘acadêmico’: nunca podemos dizer que esta ou aquela proposição seja verdade; podemos somente afirmar que parece ser verdadeira, que é provável; não existe, portanto, certeza rigorosa, apenas probabilidade.

Uma tal concepção estava perfeitamente adequada à natureza da Literatura – arte, como se sabe, da verossimilhança, do possível, do provável. Em momento nenhum de sua carreira de ficcionista Machado incorreu no falacioso engano, à Zola, de querer transformar a Arte em Ciência. Foi um anatomista de almas, é verdade. Mas nunca metaforizou sua pena em bisturi, nem quis dissecar o pútrido cadáver da família burguesa à mesa pachorrenta da sala de jantar da sociedade carioca. Artista dos pés à raiz de suas melenas crespas de mulato, desadorava o Realismo, porque tal movimento, negando a *mimese*, representava “a negação mesma do princípio da arte”, como ele diz no ensaio “A nova geração” (1879). Entende-se por que venha a afirmar com todas as letras, no referido texto, que “a realidade é boa, o Realismo é que não presta”. E não prestava, entre outras coisas, por tratar-se de uma estética do “inventário”, preocupada com “a reprodução fotográfica e servil das coisas mínimas e ignóbeis” (conforme dissera, em 1878, ao criticar *O primo Basílio*, de Eça de Queirós). Amanuense da Secretaria de Estado do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, chegando, no fim da vida, a diretor-geral

da Contabilidade, não era, contudo, um amanuense das Letras, preocupado em inventariar o dever e o haver da sociedade.

Machado nunca transformou sua obra em arma de combate ao *status quo*, como a maioria dos autores realistas que via na tríade Monarquia-Igreja-Burguesia a causa dos males sociais. Sua opção por desvendar a alma humana não o impediu, entretanto, de, vez ou outra, voltar os olhos para a sociedade sua coetânea. Enfocou-a nos 'contos-teorias', variante do conto filosófico do século XVIII, cuja finalidade alegórica retomou, seja para captar o que há de eterno e substancial na comédia humana, seja para tratar dos problemas sóciopolíticos e econômicos da época à luz de parábolas.

É o caso, por exemplo, de "A sereníssima república", inserto em *Papéis avulsos*. No conto, a conferência do Cônego Vargas, a respeito de uma espécie araneídea que dispõe de fala e se organiza socialmente, enfoca as teias enredadoras do sufrágio universal numa república democrática (como à época se sonhava para o Brasil): a fraude eleitoral, a corrupção, o casuísmo, o peculato. Penélopes da república, a cidadania e a consciência política devem exercitar paciente e esperançosamente a experiência eleitoral até a chegada de Ulisses, ou seja, da Sapiência.

Sob a ironia que vergasta o evolucionismo de Charles Darwin (1809-1882) e a filosofia materialista de, ao que parece, Ludwig Büchner (1824-1899) – "teorias gratuitas e errôneas do materialismo" –, descobre-se ainda nos partidos retilíneo, curvilíneo, reto-curvilíneo e anti-reto-curvilíneo as tendências políticas do Segundo Império brasileiro: conservadora, liberal, conciliadora e republicana.

A incursão metafórica de Machado pelo terreno sóciopolítico, via 'contos-teorias', talvez se explique assim: mulato cooptado pelo Sistema, não haveria de insurgir-se raivosa e subversivamente contra o *status quo*. Quem mulato o fizesse, corria o risco do ostracismo ou da rejeição, formas de marginalidade coonestada. Está aí Lima Barreto (1881-1922), o do *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915), que não me deixa mentir nesse País da "Lei Afonso Arinos", aquela do preconceito racial.

A adesão de Machado de Assis à realidade, e não ao cientismo materialista e inventariante do Realismo, era sintoma de que a largueza de sua visão de mundo não cabia nos estreitos limites de uma escola literária que reduzira o real à sua parcela sensível, aquela que

é captada apenas pelos nossos sentidos falaciosos, deixando à parte o inteligível, aquilo que se oculta aos nossos olhos, que só é apreensível pela inteligência ou intuição.

Em “O segredo do bonzo”, também inserido em *Papéis avulsos*, encontra o leitor sinais do ‘cepticismo acadêmico’ de Machado e de sua convicção de que a verdadeira realidade repousa para lá das aparências ilusórias. A doutrina ‘pomadista’ – exposta no conto –, uma teoria da charlatanice que domina o mundo, põe em xeque a Verdade, transformada em mera opinião que se inculca no ânimo alheio por verdadeira, mesmo que não seja. Menos que relativa, a Verdade é o que parece ser, o que se impinge numa estratégia de *marketing*, a vender (*colloridamente*, como recentemente aconteceu no Brasil) gato por lebre ou impostor por estadista: “entendi que, se uma coisa pode existir na opinião, sem existir na realidade, e existir na realidade, sem existir na opinião, a conclusão é que das duas existências paralelas a única necessária é a da opinião, não a da realidade, que é apenas conveniente” – eis aí “O segredo do bonzo”, repisado, com outras palavras, nos ‘contos-teorias’ “O espelho” e “Teoria do medalhão”. Nos três a mesma idéia de que, na vida, a aparência sobrepuja a essência, a opinião instaura a ilusória “verdade” dos fatos.

Esse relativismo da Verdade explica, em certa medida, a preferência machadiana pelo foco-narrativo de primeira pessoa, em detrimento da onisciência dogmática dos realistas ortodoxos. Machado revela ter consciência de que nada é mais anti-realista, pois contrária tanto à natureza e limitação humanas como à realidade fenomênica, que a onisciência demiúrgica. Só após a morte, ensina-nos ironicamente *Memórias póstumas de Brás Cubas*, tendo vivido (e convivido com) tudo o que nos coube, alcançamos o estágio, já então inútil, de relativas impassibilidade e onisciência. Afinal, nosso contacto com a realidade é sempre feito de uma perspectiva subjetiva – e o que formulamos a respeito dos fatos e pessoas não passa de mera opinião. Como nossa limitação humana impede-nos de ter a onisciência relativa de “um defunto autor” ou a divina clarividência de demiurgos – como os santos, “todos eles terríveis psicólogos”, olhos de raio X, capazes de ver “tudo o que se passa no interior da gente” –, o conhecimento que vislumbramos do mundo e dos seres “não vai além da superfície das coisas” (como nos preceitua no conto “Entre santos”, de *Várias histórias*).

Tal cepticismo não haveria, porém, de abortar o psicólogo nele nascido. Aceitando “o coração humano como um poço de mistérios”, repositório de causas secretas condicionadoras e explicativas da ação, Machado, a exemplo de Garcia (personagem de “A causa secreta”, *in* *Várias histórias*), “possuía, em gérmen, a faculdade de decifrar os homens, de decompor os caracteres, tinha o amor da análise, e sentia o regalo, que dizia ser supremo, de penetrar muitas camadas morais até apalpar o segredo de um organismo”. Ou seja, não poderia fugir à sua vocação de anatomista de almas – propensão manifesta claramente nos primeiros romances (*Ressurreição*, 1872; *A mão e a luva*, 1874), em cujos prólogos dizia estar mais preocupado em traçar e analisar caracteres do que construir enredos ou ser cronista de costumes.

‘Realismo psicologizante’, o de Machado, a esboçar em cada conto teorias da alma humana. Suas narrativas nutrem a ambição de ser “O espelho” (*in* *Papéis avulsos*) refletor das almas, ‘interior’ e ‘exterior’, do ser humano: desvestir nossa *persona* de medalhões para revelar a sombra de nossos escaninhos e subterrâneos psíquicos. *Mutatis mutandis*, um psicologismo que me lembra o propalado por Guy de Maupassant, no prefácio de *Pierre et Jean* (1888): a maneira realista “pura” devia desnudar preferencialmente estados psicológicos normais, isto é, que não fossem aberrantes, mas sim típicos e caracterizadores de seres humanos, colhidos à realidade circundante.

A lembrança de Maupassant enseja outra aproximação. Existiu na Espanha da segunda metade do século XIX e inícios do XX, contemporânea, pois, a Machado, uma senhora chegada às letras e tertúlias: a condessa Emília Pardo Bazán (1851-1921) – ficcionista, ensaísta, feminista, com uma inteligência que Camilo Castelo Branco dizia só razoável em mulheres muito feias (aleivosia prontamente desmentida pela beleza da gentil leitora que repousa a fadiga e olheiras de seus óculos neste texto). Pois bem, essa beletrista espanhola dedicou-se ao exame do Realismo e do Naturalismo – *La cuestión palpitante*, 1883; *La revolución y la novela en Russia*, 1887 –, enfocando a obra de Émile Zola e de romancistas russos (Turgueniev, Gogol, Tolstói, Dostoievski).

Católica, defensora, portanto, do livre-arbítrio, rejeita o determinismo científico da escola naturalista e diz-se adepta do Realismo, perspectiva mais próxima da realidade, porquanto a abrangência como

um todo espiritual e material: “Si es *real* cuanto tiene existencia verdadera y efectiva, el *realismo* en el arte nos ofrece una teoría más amplia, completa y perfecta que el *naturalismo*. Compreende y abarca lo natural y lo espiritual, el cuerpo y el alma, y concilia y reduce a unidad la oposición del naturalismo y del idealismo racional”<sup>1</sup>.

Esse conceito mais eclético de Realismo, envolvendo matéria e espírito, terra e céu, admitindo o humano e o sobrenatural, aproxima-se do realismo machadiano, avesso, como vimos, ao materialismo exclusivista do cientismo positivista e psicofisiológico.

Uma, pela Europa, a pontificar em cátedras, salões e saraus, outro a não sair do Rio sempre janeiro concordavam inclusive na rejeição à “estética do repugnante” posta em voga pelo Naturalismo. Não creio que Machado, leitor voraz, conhecesse os textos de sua contemporânea Bazán. Ela, que declara ter lido Eça de Queirós, por sua vez parece desconhecer a ficção do nosso Joaquim Maria Machado de Assis. Em todo caso a concepção que ambos têm do Realismo assemelha-se.

Das primícias, que datam de 1864, às vésperas de sua morte, ocorrida em 29 de setembro de 1908, Machado de Assis dedicou-se por mais de quatro décadas ao conto, embora este fosse considerado na época um gênero menor, isto é, sem a profundidade do romance. Dos prefácios de *Papéis avulsos* e *Várias histórias* depreende-se, no entanto, que ele considerava a narrativa curta uma forma superior de passatempo, porquanto encerrava sabedoria e sentido em poucas páginas. A citar Diderot, insiste, nos aludidos preâmbulos, que o conto, alegrando o espírito, fazia o tempo escoar insensivelmente, de modo a que autor e leitor não dessem conta de que “o conto da vida acaba”.

Observe-se que, no trocadilho machadiano, conto e vida se confundem. Ou seja, na brevidade do conto pode caber toda uma vida. Na angústia da fôrma se encerra a lembrança de que, em geral curta a vida, todo o sentido de uma existência pode coagular-se (e iluminar-se) num breve episódio. É o momento decisivo e significativo de uma vida inteira que o conto nos traz. Nossa vida pode não ser um romance, mas algum dia terá sido um conto, como foi o caso do narrador de “Maria Cora”: “Com pouco, apaixonei-me pela sobrinha. Não

---

<sup>1</sup> Emilia Pardo Bazán, *La cuestión palpitante*, Barcelona, Editorial Anthropos, 1989, p. 154.

me pesa confessar, *pois foi a ocasião da única página da minha vida que merece atenção particular*. Vou narrá-la brevemente; não conto novela nem direi mentiras”. Isto é, algum dia teremos vivido um episódio que nos marcou toda a vida – ou foi toda a nossa vida.

Privilegiando a psicologia sobre a ação, Machado haveria de criar, também nos contos, caracteres inesquecíveis. Ao correr da memória, lembram-me alguns. Jacobina (“O espelho”, *Papéis avulsos*) impõe-se hoje como ilustração da teoria que Carl Jung ergueu acerca da *persona*. O altruísmo de Fortunato (“A causa secreta”, *Várias histórias*) é o véu que mal lhe disfarça o sadismo – força motriz de sua natureza –, de onde extrai o prazer quase estético de contemplar e saborear o sofrimento alheio: ao cabo, uma doentia “redução de Calígula”. (Registre-se que Fortunato é uma personagem cuja tara faria a delícia de um narrador naturalista. Machado, entretanto, desnuda-o através dos atos, sem lançar mão ou alarde de teorias psicofisiológicas.) A mal-amada Conceição (“Missa do Galo”, *Páginas recolhidas*) – na ambigüidade do nome e dos atos, *concepção* do eterno fascínio feminino? – corporifica a sedução dissimulada, “olhos por entre as pálpebras meio cerradas”, a passar, de vez em quando, “a língua pelos lábios, para umedecê-los” – obliquidade de Capitu em miniatura, esfinge indecifrável para um adolescente jejuno de amor e de sexo e cuja vida ficou indelevelmente marcada por um diálogo permeado de reticências e subentendidos: “Nunca pude entender a conversação que tive com uma senhora, há muitos anos, contava eu dezessete, ela trinta”. Seres, enfim que desbordam a estreita moldura do retrato 3 X 4, que é o conto, para eternizar-se, inteiros de corpo e alma, na tela da memória do leitor.

Assim como os contos da década de sessenta e setenta são um exercício para os primeiros romances (*Ressurreição*, 1872; *A mão e a luva*, 1874; *Helena*, 1876; *Iaiá Garcia*, 1878), a crônica, cultivada ao longo da vida, contribuiu para que Machado dominasse, como poucos, a narrativa curta. Graças à observação do dia-a-dia, ele aprendeu a retirar do cotidiano momentos decisivos do drama humano, além de praticar uma linguagem em que o coloquialismo e a dicção clássica se casam num estilo que forceja por ser brasileiro, sem perder, contudo, sua matriz lusa. Seu instinto de nacionalidade tinha o bom senso de sobrepairar o sectarismo de escolas literárias e a estreiteza da xenofobia lingüística. A consciência artesanal do texto, posta em

voga por Flaubert, a leitura dos bons autores luso-brasileiros e estrangeiros deram-lhe um virtuosismo estilístico que não deixava de se comprazer em paródias e pastiches metalingüísticos.

Enfim, por não ter-se rendido à circunstancialidade ou à camisa de força de escolas literárias, como a romântica e a realista ou naturalista, por ter-se dedicado ao desnudamento da alma, por ter indagado o sentido da vida, até hoje as histórias curtas de Machado são sem data. Isto é, eternas, universais.

Mesmo quando, verba testamentária, vem lembrar-nos o triste legado que é nossa miséria humana. São algumas rabugens de seu proverbial pessimismo: contos escritos à Brás Cubas, “com a pena da galhofa e a tinta da melancolia”. No conjunto, todavia, os contos machadianos tentam um difícil meio-termo, entre o passatempo e o apostolado. À Diderot e à São João – como o propõe no prefácio de *Papéis avulsos*.

